



Revista ADM.MADE

Revista do Mestrado em Administração e
Desenvolvimento Empresarial - Universidade
Estácio de Sá

Revista ADM.MADE, Rio de Janeiro, ano 15, v.19, n.1, p.79-101, janeiro/abril, 2015

Revista do Mestrado em Administração e Desenvolvimento Empresarial da Universidade

Estácio de Sá – Rio de Janeiro (MADE/UNESA). ISSN: 2237-5139

Conteúdo publicado de acesso livre e irrestrito, sob licença Creative Commons 3.0.

Editora científica: Cecília Lima de Queiroz Mattoso

Consumo Ritualístico do Baile de Debutantes

Stephanie Duarte Stéban¹

Olga Maria Coutinho Pépece²

Artigo recebido em 11/11/2014 e aprovado em 01/05/2015. Artigo avaliado em *double blind review*.

A pesquisa que deu origem a este artigo teve apoio do CNPq, por meio do PIBIC - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica.

¹ Mestre em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Estadual de Maringá (PPA/UEM). Professora e pesquisadora da Libertas Faculdades Integradas São Sebastião do Paraíso - MG. Endereço: Av. Wenceslau Braz, 1018 - Lagoinha, São Sebastião do Paraíso - MG, 37950-000. E-mail: ste_duarte@hotmail.com.

² Doutora em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal do Paraná (PPGADM/UFPR). Professora e pesquisadora da Universidade Estadual de Maringá UEM-PR. Endereço: Av. Colombo, 5790, Bloco C23, 2º Andar – Jardim Universitário – Maringá – PR – CEP 87020-900. E-mail: omcpepece@uem.br.

Consumo Ritualístico do Baile de Debutantes

Objetivou-se aqui compreender o ritual de passagem baile de debutantes por meio do consumo que envolve esse ritual. Para tanto buscou-se identificar os elementos componentes e os significados atuais dessa festa, sabendo-se que rituais de passagem comunicam significados socioculturais, marcando transições de status social das pessoas. O levantamento de evidências se deu por meio da história oral, de análise documental e de artefatos de consumo de seis debutantes e de seus núcleos de influenciadores, e também pela observação participante de dois bailes. A análise implementada foi a de conteúdo. Os resultados apontam que o baile de debutantes, que, no passado, tinha, como principal função, apresentar a debutante para a sociedade a fim de encontrar um pretendente a marido, hoje visa a estabelecer e a reforçar redes de contato e o status da família da debutante na sociedade, levando as famílias a incluírem cada vez mais itens de consumo no evento.

Palavras-chave: ritual; consumo; cultura; baile de debutantes.

Keywords: ritual; consumption; culture; debutante ball.

The Ritualized Consumption Of Debutante Balls

The aim of this study was to understand the rite of passage of young women, represented by debutante balls, by analyzing the consumption around this ritual. In order to do that we took close attention to the constitutive elements and the current meanings of this party. Rites of passage indicate people's transitions of social status and communicate sociocultural meanings (ROOK, 2007). Data were collected based on the oral history, documental and consumption artifact's analysis of six debutantes and their core influencers, and in loco observation of the balls. Data were analyzed in accordance to Flick's (2008) content analysis. The results indicate that the debutante ball, which in the past was mainly intended to introduce the debutante to society in order to find her a suitor, has nowadays the purpose to establish and reinforce contact networks and to emphasize the status of the debutante and her family in society. As a result, families have been increasingly adding new consumer items to the event.

1. Introdução

A sociedade contemporânea é ligada à ideia de consumo. Isso se dá porque as sociedades humanas consomem para “poderem se reproduzir física e socialmente, manipulando artefatos e objetos da cultura material para fins simbólicos de diferenciação, atribuição de status, pertencimento e gratificação individual” (BARBOSA, 2004, p. 8-9).

Slater (2002) afirma que o uso dos bens permite a organização das relações sociais, classificando pessoas e eventos. Como exemplo categórico de utilização de bens para organizar relações sociais encontram-se os rituais.

O ritual é um tipo de ação social na qual há a manipulação de significado cultural para propósitos de comunicação e de categorizações coletiva e individual (MCCRACKEN, 2003). Em muitos casos, os rituais envolvem consumo e uso de produtos (MOWEN; MINOR, 2003). Muitos rituais têm sido categorizados como rituais de consumo. De acordo com Cupollilo, Casotti e Campos (2013, p. 43), isso ocorre porque “experiências de consumo aparecem

valorizadas nos rituais, pois realçam a interação entre consumidores e significados simbólicos de produtos e de serviços em suas práticas sociais.”

Vários são os rituais de consumo incluindo ritos de passagem (casamentos, funerais, baile de debutantes), cerimônias religiosas e feriados (Natal, e Dia de Ação de Graças nos EUA), atividades familiares (assistir à televisão em determinados horários, como os telejornais ou as novelas, e almoço de domingo) e rituais públicos em grande escala (cantar o hino nacional, e assistir a desfiles e eventos esportivos como as Olimpíadas) (MOWEN; MINOR, 2003). Nesse estudo, a palavra rito será sinônimo de ritual, como já foi feito por diversos autores (McCRACKEN, 2003; ULMANN, 1991; MOWEN; MINOR, 2003; ROOK, 2007; BARBOZA; SILVA; AYROSA, 2011).

O objeto de pesquisa aqui estudado foi o “rito de passagem” baile de debutantes que, no Brasil, é conhecido como “festa de 15 anos”. Os rituais de passagem são usados para mover o indivíduo de uma categoria cultural de pessoa para outra, e, desse modo, um conjunto de simbolismos é abandonado enquanto outros são apropriados (McCRACKEN, 2003).

Escalas (1993) identificou que os bailes de debutantes representavam um mecanismo simbólico para refletir a mudança permanente da infância para a adolescência para as debutantes. Na presente pesquisa, objetivou-se compreender o ritual de passagem baile de debutantes por meio do consumo que envolve esse ritual. Para tanto, buscou-se identificar os elementos componentes e os significados atuais dessa festa.

Historicamente, o baile de debutantes dava início a uma série de novos comportamentos para as meninas, como o namoro e o casamento. A identidade das mulheres como adultas e suas relações com os homens mudavam drasticamente após o baile. Nos tempos atuais, no entanto, a vida das jovens mulheres muda de forma diferente após essa experiência ritualizada. Normalmente, as moças já namoraram ou deram o primeiro beijo. Além disso, as jovens mulheres já se consideram mulheres e não mais crianças antes do baile de debutantes. Existem, atualmente, outros símbolos de passagem considerados mais significativos, como poder dirigir e consumir bebidas alcoólicas legalmente após os 18 anos. Dada essa mudança do tipo de ritual de passagem utilizado para denotar o crescimento da jovem, seria de se esperar que a participação em bailes de debutantes se estagnasse. Todavia, nos Estados Unidos, o número de debutantes a partir da década de 1980 aumentou de forma intensa (ESCALAS, 1993).

Os bailes de debutantes tiveram início na segunda metade do século XVI (ESCALAS, 1993) e, diante de tantas mudanças pelas quais passou a sociedade, chamam a atenção e justificam a realização do presente estudo a perpetuação desse ritual e a efervescência do consumo de produtos e serviços ligados a ele (LEONI, 2014). O mercado de eventos e de festas, de acordo com a Associação Brasileira de Empresas de Eventos (ABEOC) (ABEOC, 2012), somente no ano de 2010 movimentou mais de R\$ 30 bilhões no Brasil. O setor agrega dezenas de lojas para locação e venda de roupas de gala, além de cabeleireiros, maquiadores, fotógrafos, cinegrafistas, *disc jockeys*, serviços de bufê, floriculturas, casas de festas, motoristas e seguranças, entre outros prestadores de serviços (ABEOC, 2012).

Considerando que o tema da dimensão ritualística do consumo ainda não conquistou espaço relevante nos estudos de consumo identificados, principalmente nas pesquisas nacionais (CUPOLLILO; CASOTTI; CAMPOS, 2013), e que o único estudo encontrado acerca dos bailes de debutantes foi realizado nos EUA em 1993 (ESCALAS, 1993), pretende-se contribuir, por meio deste artigo, para o entendimento desse fenômeno de consumo na atualidade no Brasil.

O artigo encontra-se composto por mais cinco seções. Na segunda seção encontra-se a revisão teórica de ritual e consumo. A terceira seção versa sobre a metodologia empregada na pesquisa. Na quarta seção encontram-se as análises implementadas. Na quinta seção apresentam-se as considerações finais, limitações e sugestões para futuras pesquisas. Na sexta e última seção estão as referências utilizadas.

2. Ritual e Consumo

Pépece (2009, p. 15) traz o conceito de ritual proposto por Turner (1975), como "... um comportamento formal prescrito por ocasiões determinadas por rotinas não tecnológicas e que tem referências em crenças e seres ou poderes místicos".

Durkheim (1989) considera que o rito constituiria uma expressão simbólica dos valores fundamentais que unificam os membros de uma sociedade, uma vez que determina regras de comportamento do homem para com as coisas sagradas.

Os rituais também podem manter, transmitir ou manipular significado. Assim, o rito descreve os aspectos do comportamento humano envolvendo a ação simbólica como forma de distinção do foco no conteúdo simbólico dos objetos (HOLT, 1992).

Como colocam Cupollilo, Casotti e Campos (2013, p. 43) "as experiências de consumo aparecem valorizadas nos rituais, pois esses realçam a interação entre consumidores e significados simbólicos de produtos e de serviços em suas práticas sociais". Autores como McCracken (2003) e Douglas e Isherwood (2002) estudaram o ritual por essa vertente. "O ritual é uma oportunidade para afirmar, evocar, assinalar ou revisar os símbolos e significados convencionais da ordem cultural. O ritual é, nessa medida, uma poderosa e versátil ferramenta para a manipulação do significado cultural" (McCRACKEN, 2003, p. 114).

Ao citar o caráter de revisão de símbolos e de significados presente nos rituais, McCracken (2003) reforça o que Douglas e Isherwood (2002) já haviam apontado: a cultura e o consequente uso de bens para representar e comunicar significados culturais está em constante mudança. Logo, apesar da característica de repetição, os rituais sofrem adaptações de tempos em tempos (CUPOLLILO; CASOTTI; CAMPOS, 2013). Exemplo disso são os vestidos de noivas que, a partir do século XIX, passaram a ser brancos, o que não era comum até então (OTNES; PLECK, 2003).

O rito é definido também como uma classe de análise do comportamento simbólico-expressivo, demonstrando certas qualidades como normalização, intencionalidade, formalidade, repetitividade, drama, variação (no tempo e no espaço), sequências do roteiro, e promulgação do grupo. Por meio dessa combinação de traços, o ritual é diferenciado da

gama de comportamentos, tais como hábitos, costumes e convenções (HOLT, 1992). Como exemplo dessa vertente, podem-se citar as definições de Rivière(1996) e de Rook (2007).

Para Rivière (1996), os ritos são um conjunto de condutas individuais ou coletivas, relativamente codificadas, com um suporte corporal, com caráter mais ou menos repetitivo e com forte carga simbólica para seus atores, sendo que o é também para suas testemunhas. Isso se dá por meio de uma adesão mental, eventualmente não conscientizada, a valores relativos a escolhas sociais julgadas importantes, e cuja eficácia esperada não depende de uma lógica puramente empírica que se esgotaria “na instrumentalidade técnica do elo causa-efeito” (RIVIÈRE, 1996, p. 30).

Rook (2007, v. 47, p. 83) define ritual como

Um tipo de atividade expressiva e simbólica construída de múltiplos comportamentos que se dão numa sequência fixa e episódica e tendem a se repetir com o passar do tempo. O comportamento ritual roteirizado é representado dramaticamente e realizado com formalidade, seriedade e intensidade interna.

Ainda para Rook (2007, v. 47, p. 84), os rituais são compostos por quatro elementos: “1- artefatos simbólicos; 2- roteiro; 3- papéis dos agentes; e, 4- audiência”. Outro elemento não citado por esse autor, mas que advém da própria definição por ele dada para ritual, é a repetição. Para ser caracterizada uma experiência ritualística, é necessária a verificação de todos esses elementos em conjunto.

O primeiro elemento, qual seja os artefatos simbólicos, determina que todo ritual requer a utilização de objetos impregnados de significados simbólicos, como a utilização das alianças em uma cerimônia de casamento. O roteiro - segundo elemento - determina que as ações na experiência ritualística devem ser programadas e sistematizadas, tendo necessariamente um começo, meio e o fim desejado. Em uma missa, por exemplo, o momento da consagração ocorre depois da leitura do Evangelho, e nunca o contrário.

O terceiro elemento diz respeito à participação de várias pessoas no ritual, sendo que o roteiro em um ritual é realizado por pessoas que ocupam diversos papéis ritualísticos; ou seja, os papéis dos agentes são roteirizados. Em um casamento, por exemplo, é sempre o pai que acompanha a noiva na entrada da cerimônia e a conduz à frente dos convidados presentes.

O quarto elemento refere-se à existência de audiência, ou seja, de pessoas sendo expectadoras e reconhecendo a realização do ritual. A repetição, que é o último elemento, trata da sequência de eventos, que ocorre várias vezes ao longo do tempo.

Alguns rituais são verbais, vocalizados, não contabilizados, mas eles desaparecem no ar e dificilmente ajudam a limitar o âmbito interpretativo simbólico. Rituais mais eficazes utilizam objetos materiais ou definições públicas visíveis do interpretativo simbólico. No caso dos rituais de consumo esses objetos são mercadorias, e seu consumo, nessa perspectiva, representa processo ritualístico cuja função primária é dar sentido ao fluxo rudimentar dos acontecimentos (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2002).

Vale lembrar que, na contemporaneidade, as relações pessoais também foram ressignificadas e passaram a ser vistas como objetos de consumo fugazes. Tal é o caso das relações de bolso citadas por Bauman (2004, p. 36), referindo-se à Jarvie, que diz que “Uma relação de bolso bem sucedida é doce e de curta duração. [...] você não precisa sair do seu caminho nem se desdobrar para mantê-la intacta por um tempo maior.”

Uma categoria de ritual que tem envolvido na atualidade uma forte vertente de consumo refere-se ao rito de passagem. Ullmann (1991) coloca que os ritos de passagem representam rituais caracterizados por celebrações em que se põe em relevo a mudança de um estado para outro (por exemplo, de solteiro para casado). Importante salientar que o rito de passagem constitui um meio de interação social, mediante símbolos icônicos, entendidos por símbolos icônicos gestos, palavras e objetos utilizados em uma cerimônia. Estes têm caráter simbólico, por conseguinte, representam alguma coisa.

Os ritos conscientizam valores e sentimentos de um grupo social, independentemente da opinião deste ou daquele indivíduo, “são internalizados na comunidade e se repetem de geração em geração” (ULLMANN, 1991, p. 145). McCracken (2003) também segue essa linha de raciocínio, no entanto trata os símbolos icônicos mencionados por Ullmann (1991) como bens de consumo dotados de significados culturais.

3. Aspectos Metodológicos

No presente artigo utilizou-se abordagem qualitativa, pois essa possibilita a compreensão em maior profundidade do comportamento ritualizado. Isso porque é orientada para a análise de casos concretos em suas particularidades temporal e local, partindo das expressões e das atividades das pessoas em seus contextos locais. Isso permite que se mantenha a flexibilidade necessária em relação às tarefas a serem realizadas no estudo (FLICK, 2008).

A pesquisa é descritiva, na medida em que se buscou compreender os componentes da definição de ritual presentes no consumo dos bailes de debutantes a partir da história oral das debutantes. O corte temporal, tanto da coleta quanto da análise, foi transversal.

O levantamento de evidências foi baseado nos três níveis de interpretação dos símbolos rituais propostos por Turner (1974): 1) exegético, que é aquele suprido pelos nativos e que contempla dados sobre nome, características físicas e biológicas, e construção do objeto cultural; 2) operacional, que é derivado do uso dos símbolos e da composição social dos grupos que realizam o ritual; e 3) posicional, “consequência da relação entre diferentes símbolos de vários rituais ou entre símbolos de um mesmo ritual” (PEIRANO, 1995, p. 10).

Com base nesses três níveis de interpretação, utilizaram-se três métodos para a coleta de dados. O nível exegético foi contemplado pela história oral. Para o nível operacional utilizou-se a coleta documental e de artefatos de consumo. Quanto ao nível posicional, o método escolhido foi a observação participante.

Quanto aos sujeitos de investigação (MINAYO, 2010), esses foram delimitados por jovens mulheres da cidade paranaense de Maringá e da cidade mineira de São Sebastião do Paraíso que realizaram festa de debutante e as pessoas que tiveram algum papel significativo na história da festa para essas aniversariantes e que foram identificadas nos discursos das jovens entrevistadas. A escolha do levantamento de evidências em tais municípios se deu tendo em vista os seguintes critérios: a identificação do grande montante gasto em cada festa de debutante em Maringá (entre R\$15.000,00 e R\$300.000,00), segundo profissionais da área de eventos da cidade (STÉBAN; PEPECE, 2013); o critério de conveniência por facilidade de acesso (NIQUE; LADEIRA, 2014) de residência das pesquisadoras; e por identificarem o crescimento no número de festas de debutantes nos últimos anos nas duas cidades.

A história oral exige cuidado na definição do marco cronológico estabelecido, podendo ser empregada somente “em pesquisas sobre temas recentes, que a memória dos entrevistados alcance” (ALBERTI, 2007, p. 21). Assim, como delimitação cronológica, definiu-se que, no período da coleta de dados, participariam jovens que haviam realizado a festa de debutante há, no máximo, dois anos.

3.1. Levantamento de evidências

Buscando a totalidade de informações necessárias para viabilizar as respostas aos objetivos propostos, foram analisados os bailes de seis debutantes, sendo três de Maringá e três de São Sebastião do Paraíso. As debutantes entrevistadas foram identificadas por meio da técnica de bola de neve, utilizando para tanto de indicações de conhecidos das pesquisadoras que indicaram debutantes que poderiam participar da pesquisa.

Minayo (2010) diz que o dimensionamento das entrevistas deve seguir o critério de saturação. No entanto, provisoriamente, o investigador pode e deve prever um montante de entrevistas e de outras técnicas de abordagem a serem depois balizadas em campo à medida que consiga o entendimento das homogeneidades, da diversidade e da intensidade das informações necessárias para seu trabalho.

Minayo (2010) diz que a história oral é instrumento voltado para descoberta, exploração e avaliação de como as pessoas compreendem seu passado, vinculam e interpretam sua experiência individual a seu contexto social, e dão significado a essas experiências a partir do momento presente.

Para realização da pesquisa por meio da história oral, no primeiro encontro entre pesquisador e pesquisado a pergunta a ser adotada é bastante ampla (“Fale-me sobre determinado assunto”), permitindo que o entrevistado discorra livremente sobre sua trajetória de vida. Portanto, alguns aspectos poderão não ser evidenciados. Deste modo, nas etapas posteriores, os questionamentos poderão variar, bem como, durante as entrevistas, podem ser adicionadas novas questões (CRAIDE, 2011).

Foram feitas entre duas e três entrevistas com cada debutante para a operacionalização da história oral, seguindo a proposta de Atkinson (1998). Como prevê o método, além das debutantes, também foram entrevistadas pessoas que tiveram algum

papel significativo na história da festa para as aniversariantes, tendo influenciado e se envolvido com a realização da festa, e que foram identificadas com base na história oral de cada debutante entrevistada:

- 1) Debutante D1: o pai, a mãe, a irmã da debutante, a avó materna e a cerimonialista
- 2) Debutante D2: a mãe da debutante
- 3) Debutante D3: o pai e a mãe da debutante
- 4) Debutante D4: a mãe da debutante
- 5) Debutante D5: a mãe da debutante
- 6) Debutante D6: o pai, a mãe e a irmã da debutante

Para ir a campo, além de equipamento para registro das entrevistas, foi utilizado caderno como diário de campo, no qual impressões e reflexões sobre os encontros foram anotadas pelas pesquisadoras. Esses diários de campo (CRAIDE, 2011) foram feitos durante as entrevistas bem como após, sendo anotados dados e informações que não surgiram no discurso das entrevistadas.

Além disso, sobre cada baile foi realizada análise documental (BAUER; GASKELL, 2008) de fotos e de vídeos, entre outros registros, e de artefatos de consumo (NIKE; LADEIRA, 2014), como convites e lembrancinhas que foram disponibilizados para consulta pelas entrevistadas. Para isso, as pesquisadoras usaram um roteiro, pois os textos e as imagens não falam por si: eles respondem às indagações dos investigadores (MINAYO, 2010). Também é importante salientar que as evidências foram coletadas dentro do prazo estipulado de até dois anos após a festa.

Quanto à observação participante, ela ocorreu em dois do total de seis bailes analisados, sendo um em cada município. Nessas ocasiões, as debutantes e outros atores foram ouvidos antes e depois do evento. A observação participante é definida como uma estratégia de campo que combina, simultaneamente, a análise de documentos e de artefatos de consumo, a entrevista de respondentes e informantes, a participação e a observação diretas, e a introspecção. Os aspectos principais do método consistem no fato de o pesquisador mergulhar no campo, de observar a partir de uma perspectiva de membro, mas, também, de influenciar o que é observado graças à sua participação. Assinala-se o caráter essencial da abertura na coleta de dados baseada unicamente na comunicação com os observados (FLICK, 2008).

Na ida a campo na observação participante, seguiu-se a orientação de Minayo (2010) de que é essencial o diário de campo e, no caso da observação dirigida, o roteiro. Esse último deve conter os tópicos formulados, tendo em vista os temas que constituem o objeto de investigação a partir de alguns elementos exploratórios da realidade empírica.

3.2. Método de análise

Para o tratamento e interpretação das evidências foi utilizado o método de análise de conteúdo, configurada por Bardin (1977) como um conjunto de técnicas de análise das

comunicações por meio de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens.

Flick (2008) pontua o emprego de categorias como aspecto essencial da análise de conteúdo. Para implementar a análise, seguiram-se as oito etapas propostas por Flick (2008, p.73):

- 1 – Definir o material, selecionar as entrevistas ou aquelas partes que sejam relevantes na solução da questão de pesquisa.
- 2 – Analisar a situação da coleta de dados (Como foi produzido o material? Quem participou da entrevista? Quem participou dessa produção? Quem estava presente na situação da entrevista? De onde vêm os documentos que vão ser analisados, etc).
- 3 – Caracterizar formalmente o material (Como foi documentado o material – gravação ou protocolo? Como foi editado – influência da transcrição sobre os textos? etc).
- 4 – Direcionar a análise para os textos selecionados e “o que de fato se espera interpretar com eles”.
- 5 - Diferenciar ainda mais a questão de pesquisa, com base em teorias.
- 6 – Definir a técnica analítica, que no caso será a análise estruturadora do conteúdo (buscam-se tipos ou estruturas formais no material). A estruturação ocorre no nível formal, responsável pela tipificação, representado por escalas ou com relação ao conteúdo.
- 7 – Definir as unidades analíticas (com base nos pontos de investigação).
- 8 – Conduzir as análises efetivas antes que seus resultados sejam finalmente interpretados com referência à questão de pesquisa, elaborando-se e respondendo-se a questões de validade.

A análise de conteúdo foi auxiliada pelo *software* QSR NVivo, que permitiu que o processo de vasculhar cada linha do texto e de atribuir códigos (no caso, os nós) se tornasse mais rápido e eficiente.

Para garantir a confiabilidade da pesquisa, foram utilizados os três procedimentos previstos por Creswell (2010): 1) verificação das transcrições para assegurar que elas não contivessem erros óbvios cometidos durante a transcrição; 2) categorização conforme referencial teórico proposto; e 3) ética na utilização dos achados.

Quanto à validade interna, Bauer e Gaskell (2008), Creswell (2010) e Paiva Jr., Leão e Mello (2011) mencionam que ela é garantida pela triangulação juntamente com a reflexividade-técnicas que também funcionam como indicadores de confiabilidade - permitindo ao pesquisador considerar inconsistências e contradições nas evidências.

A triangulação e a reflexividade das evidências obtidas foram implementadas da seguinte forma: após as transcrições das entrevistas e das observações feitas por uma das pesquisadoras, as pessoas envolvidas leram os textos transcritos e conferiram se esses estavam de acordo com o que disseram, com o que vivenciaram e com o que observaram,

conferindo, com esse *feedback*, a validade e a confiabilidade para a pesquisa (PAIVA JR.; LEÃO; MELLO, 2011).

Depois das correções feitas (quando foi o caso), os textos transcritos foram repassados para conferência da segunda pesquisadora, que possui experiência de mais de 10 anos em pesquisas empíricas sobre significados atrelados ao consumo.

Por fim, depois dos devidos apontamentos que emergiram dessa nova conferência, deu-se por encerrada a triangulação dos dados obtidos e as pesquisadoras deram início à análise de conteúdo.

4. Análise das Evidências

Com base na história oral de cada debutante entrevistada foi gerado um núcleo de análise formado pelas pessoas que influenciaram e que se envolveram efetivamente com a realização da festa. Vale lembrar que foi realizada análise documental e de artefatos de consumo dos seis núcleos analisados.

O primeiro núcleo, indicado por Núcleo 1, tem, como centro, a debutante D1. A festa foi realizada em maio de 2013 em São Sebastião do Paraíso. Esse núcleo compreendeu cinco pessoas, além da debutante, e sete entrevistas: duas com a debutante e uma com cada um dos cinco demais sujeitos. O diferencial desse núcleo foi o fato de a avó materna exercer grande influência para a realização da festa: a mãe e a debutante inicialmente não queriam o evento, contudo, a avó tinha o baile de debutante como sonho, já que não pôde fazer um para a filha única devido à negativa desta. A avó conseguiu realizar seu sonho com a festa de 15 anos da neta, inclusive arcando com todos os custos e, auxiliada por uma cerimonialista, escolheu os detalhes do evento.

O Núcleo 2 tem, como centro, a debutante D2. Foram feitas três entrevistas: duas com a aniversariante e uma com a mãe dela. Esse núcleo também compreendeu a observação participante. A festa ocorreu em outubro de 2013 em São Sebastião do Paraíso. Uma particularidade desse núcleo reside no fato de a debutante ter sido totalmente autônoma quanto à contratação dos profissionais da festa, o que implicou que ela fosse a única dentre as entrevistadas a ter preocupações financeiras. A entrevistada D2 faz curso técnico em gestão, podendo vir daí esse interesse econômico na festa. Ademais, a festa de debutante sempre foi um sonho dela, que planejou o evento desde muito nova.

O Núcleo 3 diz respeito à festa realizada em novembro de 2011 em São Sebastião do Paraíso. Essa festa foi temática, tendo borboletas como tema. Foram feitas quatro entrevistas, além da análise documental e de artefatos de consumo, sendo duas entrevistas com a aniversariante D3, uma com seu pai e outra com sua mãe.

O Núcleo 4 diz respeito à festa de debutante D4, que ocorreu em julho de 2013 na cidade de Maringá-PR. Foram feitas três entrevistas: duas com a debutante e uma com sua mãe. Apesar de diversos contatos, o pai da debutante não se disponibilizou para a entrevista. O que mais chamou a atenção nesse núcleo foi a forte ligação entre pai e filha. Observando o vídeo da festa e o discurso da debutante é possível perceber a carga emocional entre ambos no momento do baile.

No Núcleo 5 foram feitas três entrevistas, sendo duas com a aniversariante D5 e uma com sua mãe, Além disso foi feita observação participante. A festa ocorreu em Novembro de 2013 em Maringá.

O Núcleo 6 contou com cinco entrevistas, sendo que duas foram com a aniversariante D6, uma com o pai dela, outra com sua mãe e uma com sua irmã. A festa foi realizada em abril de 2013 em Maringá. A festa desse núcleo foi a única, entre as pesquisadas, onde o consumo de bebida alcoólica pelos menores de idade foi totalmente vetado. Os adolescentes recebiam pulseiras que os identificavam como menores de 18 anos e, assim, os garçons não podiam servir bebidas com álcool a eles. Essa festa também foi temática, com o tema Paris. Apenas essa e a festa do núcleo 3 foram temáticas.

A seguir apresentam-se duas seções, de forma a se atender aos objetivos dessa pesquisa: uma contendo os elementos componentes do ritual, e uma apresentando seus significados atuais.

4.1. Elementos componentes do ritual de passagem baile de debutantes – apresentação por meio de categorias de análise

Para o alcance desse objetivo de pesquisa, com base no que foi coletado e para uma melhor fragmentação do material foram estabelecidas categorias de análise baseadas nos cinco elementos propostos por Rook (2007): artefatos simbólicos, roteiro, papéis dos agentes, audiência e repetição.

4.1.1. Artefatos simbólicos

Esse elemento foi composto por bolo, vestimenta (compreendendo vestidos), espaço da festa (compreendendo salão, *buffet*, decoração), *disc jockey* e ou banda, lembrancinhas, dança (compreendendo valsa e ou coreografia e ou 15 casais), príncipe, convite, caderno e ou quadro de recados, e presentes (compreendendo joia).

O bolo foi citado por todas as debutantes. Embora as festas de aniversário normalmente apresentem, como clímax, o momento da música “Parabéns para você”, foi curioso verificar que, nas festas de 15 anos, isso não ocorre, porque o cerimonial do baile de debutantes é repleto de simbolismos e de outras intervenções que chamam muito a atenção, como a valsa com o pai e a entrega da joia - ambos símbolos já identificados por Escalas (1993).

A vestimenta trata de um dos artefatos simbólicos mais marcantes na festa de 15 anos, sendo citado por todos os entrevistados. Um dos primeiros itens a se verificar para a composição da festa é o vestido da debutante, tanto que as cores de pelo menos um dos vestidos usados pela aniversariante durante a festa tem as mesmas cores da decoração do evento. O vestido introduz a debutante ao baile a partir do momento em que a integra a todo o arranjo da festa.

Aqui se percebe como o consumo delinea culturalmente a sociedade, haja vista que, a partir dele, um indivíduo se diferencia do outro e, paradoxalmente, se associa a um grupo. Esses achados vão ao encontro do que colocou McCracken (2003) sobre rituais como sendo

um tipo de ação social na qual há a manipulação de significado cultural para propósitos de comunicação e de categorizações coletiva e individual.

Quando a debutante escolhe a cor da decoração e, conseqüentemente, de um dos vestidos que vai usar na festa, ela busca se diferenciar de outras festas, para que seu momento seja único e particular. No entanto, ao buscar a cor que combine com a decoração, a debutante age como todas as outras, seguindo aqueles mesmos padrões ritualísticos.

Durante a festa, a debutante utiliza, no mínimo, dois vestidos, podendo chegar a três. O primeiro, usado para recepcionar os convidados, representa a meiguice, a infantilidade da jovem. Isso explica por que ele apresenta cores mais alegres e fortes, e não é muito decotado. O segundo, usado principalmente no momento da valsa, representa o amadurecimento da menina, por isso sempre é longo. Normalmente a cor do primeiro ou do segundo vestido é que acompanha a decoração da festa. O terceiro vestido é considerado o da "balada": é aquele mais curto, com muito brilho. Isso denota a liberdade que a jovem passa a ter, pois, após passar pelo ritual, ela não é mais uma menina. Das seis debutantes entrevistadas, apenas a D1 teve dois vestidos. Todas as demais usaram três vestidos.

O espaço da festa é de suma importância para os entrevistados. Quando eram questionados acerca daquilo que achavam que não poderia faltar em um baile de debutantes, de forma unânime respondiam: salão, *buffet* e decoração. Isso demonstra que aquele que seria o artefato primordial para a caracterização do ritual, como a valsa, deu lugar àquele promovido pela indústria de eventos, mesmo para os agentes principais da festa.

A contratação do *disc jockey* ou de uma banda – sendo o primeiro o que ocorre com maior frequência –, também é artefato muito citado pelos entrevistados. O *disc jockey* tem grande importância, pois é ele que instala o telão onde são exibidos vídeos e que indica a música para o momento da valsa. Por tudo isso, sua contratação é sempre lembrada quando se questiona o que não deve faltar em uma festa de 15 anos.

A presença de uma banda traz à festa certa sofisticação, sendo mencionada como questão de *status*, devido ao valor mais elevado pago em sua contratação em comparação ao *disc jockey*. Somente as debutantes D4 e D6 contrataram bandas para suas festas, o que reforça a ideia apontada por Barbosa (2004) de que a sociedade contemporânea consome, dentre outras razões, para fins de *status*.

É comum, nas festas de debutante, os convidados ganharem algo para lembrarem da celebração, as chamadas "lembrancinhas". Aqui se confirma o que foi colocado por Douglas e Isherwood (2002): rituais mais eficazes utilizam coisas materiais. Outra questão é o *status*: quanto mais diferenciadas e em maior número forem essas lembrancinhas, mais a festa será comentada e prestigiada pelos convidados.

Vê-se, aqui, como a sociedade contemporânea é ligada à ideia de consumo, como coloca Barbosa (2004): as sociedades humanas consomem para fins simbólicos de diferenciação, para atribuição de *status*, para pertencimento e para gratificação individual. As lembrancinhas representam a afirmação da debutante e de sua família no sentido de que podem pagar por tudo aquilo.

A valsa é o símbolo mais antigo e mais forte do baile de debutantes. Esse é o ápice do cerimonial, no qual a debutante dança a valsa com seu pai, seu príncipe, seu irmão, seu avô, seu tio e seu padrinho. A única figura feminina a despontar naquele momento é a debutante.

As valsas ainda são dançadas com músicas desse estilo musical, mas hoje há a preocupação com sua coreografia. Por isso, muitos pais ensaiam com suas filhas meses antes da festa e com o apoio de um profissional qualificado. Quando possível, os outros homens que dançam com a debutante também realizam ensaios.

Percebe-se aqui, novamente, o componente “repetição” previsto por Rook (2007) nos rituais, ao mesmo tempo que se encontra uma atualização contemporânea de um dos componentes de consumo ritualístico, na figura dos ensaios com profissionais de dança. Isso se justifica talvez pelo fato de antigamente esse ritmo de dança ser mais comum, fazendo com que as pessoas a aprendessem em casa desde cedo, o que não ocorre frequentemente na atualidade - hoje as valsas são mais presentes apenas em cerimônias formais, como casamentos e formaturas.

Após a valsa com o pai, a menina é entregue a um rapaz que a conduz em uma segunda dança, que, no ritual dos bailes de debutantes, é intitulado de “príncipe”. Este nunca é um namorado, e sim um primo ou um amigo da debutante, ou de sua família.

Muitos dos entrevistados afirmaram que se perdeu aquele sentido do baile de debutantes de apresentar a filha à sociedade, sendo que, a partir daquele momento, ela poderia interagir com o sexo oposto. No entanto, a figura do príncipe contradiz esse posicionamento, tendo em vista que ele representa justamente essa primeira interação da menina com o outro sexo, excluindo a relação com o pai.

O príncipe deve ser bonito e normalmente alguém mais velho do que a debutante. Esse fato é curioso, pois, na sociedade contemporânea, na qual as mulheres são educadas para serem independentes, ainda impera aquele sonho, mesmo que inconsciente, de um bom casamento - ou seja, com alguém de estética agradável ao olhar e mais velho, que representa, teoricamente, segurança emocional e financeira. Ainda existe aquele ideal de conto de fadas, no qual a debutante, como princesa, deve ser acompanhada de seu príncipe.

A escolha entre um primo ou um amigo, e nunca um namorado, ocorre porque a jovem com 15 anos ainda é vista, na atualidade, como muito nova para namorar, já que esse ato, com o surgimento mais recente da relação chamada de “ficar”³, passou a representar compromisso mais sério do que em tempos anteriores.

A figura do príncipe é uma das mais intrigantes do baile de debutantes atual, pois trata de vários simbolismos, muitos deles de sociedades antigas, mas ainda muito presente na sociedade contemporânea. Esse dado reforça o componente “repetição” previsto por Rook (2007) como essencial aos rituais.

Quanto aos convites, não se detectou um padrão, ficando a cargo do gosto e da criatividade da debutante, de sua mãe ou das opções oferecidas pelas empresas de eventos

³ Prática de alguns casais, na atualidade, de terem contato muito próximo físico e pessoal, porém sem compromisso formalizado de monogamia ou planejamento futuro de noivado ou casamento.

ou pelas gráficas responsáveis pela sua impressão. Os convites acompanham o tema e as cores da festa, sendo o “cartão de visitas” do evento – por isso, quanto mais elaborado, maior o indicativo de que a festa será suntuosa. A questão do prestígio começa pelo convite, o que evidencia mais um elemento de consumo presente na festa motivado por *status* (BARBOSA, 2004).

Algumas festas possuem um caderno ou um quadro no qual os convidados deixam mensagens de felicitações para as debutantes. Este, após a festa, é guardado pelas aniversariantes como forma de elas se lembrarem de quem ali esteve presente, o que confirma a importância das coisas materiais para reforçar os rituais, conforme apontado por Douglas e Isherwood (2002).

Os presentes dados nos bailes de debutantes normalmente são algo de perfumaria ou algum enfeite para o quarto da aniversariante, como almofadas ou porta-retratos. Eles são deixados em um lugar reservado na festa e os nomes dos convidados que os deram são anotados em suas embalagens.

Familiares mais próximos, como pais, avós e tios, presenteiam a aniversariante com uma joia, que é entregue durante o cerimonial. Normalmente, as joias são entregues pelos pais ou avós. Em todas as festas estudadas houve esse protocolo do ritual do baile de debutante, como previsto por Escalas (1993). A entrega da joia está ligada ao amadurecimento da jovem, que, agora, reconhecida pela sociedade como uma mulher adulta, está apta a usar adornos de valor. Além disso, a joia é um presente duradouro que ficará para sempre como lembrança daquele dia especial.

4.1.2. Roteiro

Este elemento foi composto pela sequência de ações da festa.

Em todas as festas os entrevistados disseram que existia um roteiro a ser seguido, que dividia a festa em quatro etapas: 1) recepção dos convidados; 2) jantar, podendo ocorrer depois do cerimonial; 3) cerimonial, composto por clipes, valsa, entrega de presentes; e 4) abertura da pista de dança.

A definição do roteiro sempre é realizada com orientações do responsável contratado para administrar o cerimonial, juntamente com a debutante e, em alguns casos, com a avó da aniversariante. Porém, a palavra final sobre quem vai participar de cada etapa da festa, como vai participar, e a hora em que cada atividade deverá ocorrer, é sempre da mãe da debutante.

Na primeira etapa, normalmente um(a) recepcionista contratado(a) permanece no *hall* de entrada do salão e solicita, a quem chega, que apresente o convite da festa. Isso ocorre para evitar a entrada de pessoas que não foram convidadas e que tentam fazer parte da festa - os chamados “penetras”. Quando isso ocorre os pais da aniversariante são informados e consultados sobre como proceder. Em algumas festas, a entrada dos “não convidados” é liberada, e em outras não.

Este é um dado que difere entre os principais agentes da festa - pais e debutante. Os pais não costumam gostar dos “penetras”, talvez por representarem alguém que possa apresentar comportamento inadequado e comprometer parte do sucesso da festa, além de representarem despesas extras com pessoas desconhecidas. Já as aniversariantes percebem os “penetras” como possíveis futuros amigos, aumentando sua rede social. Além disso, acreditam que, se a festa chamou a atenção de pessoas não convidadas, é porque a repercussão está sendo tão positiva que gera esse tipo de comportamento.

Após apresentarem os convites, os convidados são recebidos pela debutante e por seus pais. Neste momento, entregam o presente, que é imediatamente guardado juntamente com os outros presentes recebidos. Nas festas em que existe um quadro para recados, este é colocado na entrada da festa, com alguns dos convidados deixando suas mensagens ao chegar, e outros ao saírem da festa.

Na segunda etapa normalmente ocorre o jantar. Aqui, dependendo do *buffet*, do gosto dos anfitriões e do montante gasto, o *menu* sofre variações, bem como a forma de serviço, que vai desde o modelo à francesa até aquele no qual os próprios convidados se servem.

Nas festas em que existe a presença de muitos convidados mais idosos, como avós por exemplo, o jantar é servido antes do cerimonial. Nas festas em que predominam os amigos jovens da debutante, o cerimonial ocorre antes do jantar.

Quando o jantar ocorre antes do cerimonial existe um clima de expectativa no ar. Todos os convidados esperam com certa ansiedade o desenrolar da troca de vestido, da valsa da debutante, se vão ocorrer, ou não, outras apresentações como os 15 casais, se haverá apresentações de coreografias inusitadas da aniversariante com o pai ou de algum grupo de bailarinos contratados para tal atividade.

Na terceira etapa acontece o cerimonial, quando a debutante recebe, diante dos convidados, uma joia, normalmente presenteada pelo pai. Ela rapidamente sai de cena para a troca de vestido, dança a valsa com o pai, com o príncipe e, em alguns casos, com irmãos, primos, tios ou avós. Este é o ápice da festa.

A quarta etapa consiste na abertura da pista de dança para os convidados. Esse momento parece agradar muito aos participantes jovens que se aproximam para dançar e flertar. Já para os convidados de maior idade, dependendo do estilo da música, a festa começa a ficar “muito barulhenta” e cansativa.

4.1.3. Papéis dos agentes

Esse elemento teve como componentes a debutante, seu pai, sua mãe, o príncipe e outros agentes. A debutante é o centro de todo esse ritual, que diz respeito ao seu crescimento, à nova etapa de sua vida que se inicia.

Suas atividades durante essa etapa da festa são claras e definidas: primeiramente, recebe os cumprimentos dos convidados, bem como os presentes que eles lhe oferecerem.

Em seguida, troca de roupa no mínimo duas vezes, dança a valsa com o pai e com o príncipe, e corta o bolo.

O pai é o segundo agente que mais aparece durante o cerimonial. Ele não exerce tanta influência nos preparativos da festa quanto a mãe, mas é ele quem tem o papel mais definido durante a realização do evento. Esse fato pode ter origem nos primórdios do ritual baile de debutantes, quando a sua função principal era apresentar a filha à sociedade em busca de um bom casamento: como, àquela época, a mulher era submissa ao marido, que exercia todo o comando da família, quem deveria fazer essa apresentação era o pai. Esse protocolo resistiu às mudanças enfrentadas pela sociedade, e ainda hoje o pai é quem dança a primeira valsa com a filha. Isso ocorre porque os papéis dos agentes em um ritual são roteirizados, sendo desempenhados “com formalidade, seriedade e intensidade interior” (ROOK, 2007, p. 282).

A participação do príncipe representa o amadurecimento da jovem, que agora tem idade suficiente para a interação com o outro gênero. No entanto, como já dito acima, em nenhuma das festas pesquisadas o príncipe era um namorado da debutante, e sim um primo ou um amigo.

Isso demonstra, mais uma vez, a espetacularização da festa, que conta com a figura do príncipe apenas como uma relação de adorno no cerimonial. Isso remete à percepção de Bauman (2004) das relações fugazes e pontuais entre as pessoas: é a “coisificação” do ser humano, confirmada pelo fato de que o príncipe deve ter boa aparência, para ser consumido como artefato simbólico. Daí o porquê de muitos entrevistados alegarem que o príncipe é importante somente por ter que seguir o protocolo do evento.

Existem outros agentes que, apesar de não serem tão notados durante a festa, também têm suas funções bem definidas no ritual.

A mãe da debutante é a responsável por perpetuar os simbolismos do ritual, é quem valida o roteiro. Assim, se ela exigir que haja algo na festa, como a dança com o príncipe, a filha terá que acatar. Tal fato é explicado pela vivência anterior da mãe com festa de 15 anos.

Outro agente que tem função semelhante à mãe é a avó. Ela também já vivenciou o baile, mesmo que de forma diferente, e então confere se todo o protocolo está sendo seguido.

4.1.4. Audiência

Esse elemento teve como componentes a reação dos convidados durante cerimonial, os recados deixados pelos convidados, os comentários posteriores à festa, os motivos dos convidados para irem à festa, e os já mencionados “penetras”.

As impressões a respeito da audiência do baile de debutante podem ser divididas em dois grupos distintos: 1) os familiares e amigos íntimos da família, que são mais próximos da debutante e que acompanharam sua vida desde o seu nascimento; 2) os amigos, que são os convidados que normalmente não acompanharam o crescimento da aniversariante.

Os discursos dos convidados divergem muito dos discursos dos entrevistados (aniversariantes, suas mães, pais, irmã e cerimonialista (quando houve o caso)) e daquilo que foi analisado pelas pesquisadoras na observação participante entre esses dois grupos.

Por exemplo, quando questionados sobre a audiência, os entrevistados (aniversariantes, suas mães, pais, irmã e cerimonialista (quando houve o caso)) respondiam que os convidados ficaram animados, reagindo com grande excitação durante todo o cerimonial.

Contudo, na observação participante feita na festa da debutante D2, verificou-se que todos os convidados – mais jovens e mais velhos - ficaram atentos em três momentos: durante a entrada da debutante, durante a entrada dos 15 casais que a acompanharam, e durante os primeiros dois minutos da exibição de um vídeo sobre a vida da aniversariante (que teve duração total de sete minutos).

Em todo o restante do cerimonial, enquanto os convidados mais jovens estavam conversando entre si ou se servindo no *buffet*, os mais velhos - principalmente da família - permaneceram atentos, porém sem grande excitação. Na observação participante feita na festa da debutante D5, o mesmo ocorreu.

O que se observa durante o cerimonial acerca do comportamento dos convidados também acontece quanto aos recados deixados para a debutante no caderno ou no quadro. Os familiares escrevem recados mais longos e elaborados, com explicações de desejos de sucesso futuro à aniversariante, enquanto os jovens são sucintos e escrevem recados muito homogêneos entre si, basicamente de felicitações pela data.

O que se nota é que os convidados mais velhos, notadamente a família, têm uma relação mais íntima com o rito de passagem, porque presenciaram o crescimento da debutante. Já os convidados jovens não têm esse mesmo vínculo. A explicação para isso se deve ao fato de aqueles terem maior ligação ao baile enquanto rito de passagem.

Quando questionadas sobre a repercussão da festa, todas as debutantes disseram que foram elogiadas, que as pessoas disseram que a festa estava muito boa. Além dos comentários feitos pessoalmente, em todas as páginas dos perfis das debutantes no *site* Facebook os convidados se manifestaram acerca da festa.

Essa opinião da sociedade parece ser importante para as jovens, que desejam que seu evento cause algum impacto para os convidados. A aceitação do outro dá validade ao ritual, demonstrando que este foi bem conduzido. Os comentários pós-festa dos convidados, bem como a difusão da festa pelos meios de comunicação, ajudam naquilo que Douglas e Isherwood (2002) chamaram de definições públicas visíveis.

Aos entrevistados foram perguntados os motivos pelos quais eles compareceram ao baile, tendo sido elencados cinco motivos:

- 1) para os jovens, a expectativa de a festa ser boa;
- 2) para os familiares, por ser um momento muito importante para a vida da jovem aniversariante;

- 3) para a família e para amigos mais velhos da família, por terem presenciado o crescimento da jovem e terem afeição por ela;
- 4) para alguns familiares, por há muito tempo não ocorrer uma festa de 15 anos na família; e
- 5) para os jovens, por ser uma festa, onde podem interagir e se divertir.

Vale destacar que, para os convidados mais jovens, a festa de 15 anos propicia a liberdade dada pelo reconhecimento de seu crescimento, o que implica a interação entre os gêneros e a permissão do consumo de bebida alcoólica nas festas onde isso é permitido, motivando a ida do adolescente ao evento.

4.1.5 Repetição

Esse elemento teve como componente aquilo que se repete em todas as festas.

A repetição, segundo Rook (2007), é característica dos rituais. No baile de debutantes essa repetição é identificada por alguns artefatos simbólicos que são encontrados em todas as festas, como o bolo, a troca de vestido, o salão de festas, o *buffet*, o *disc jockey*, a decoração, as fotos, as lembrancinhas, a valsa com o pai, a valsa com o príncipe e o convite.

O roteiro do baile também é sempre parecido, sendo que somente o cerimonial é que sofre alguns acréscimos de festa para festa.

Os papéis dos agentes são bem definidos, portanto, em todas as festas, as funções exercidas por eles se repetem, inclusive dos dois tipos de convidados - amigos jovens e familiares - que formam a audiência. No caso dessa última, os jovens e os convidados mais velhos normalmente ficam em espaços diferentes durante o baile: os jovens na pista de dança, os mais velhos próximos de onde é servido o *buffet*.

Isso ocorre porque na pista de dança o som costuma ser alto, dificultando que as pessoas conversem entre si. Como os convidados mais velhos geralmente são familiares das debutantes que, muitas vezes, não têm a possibilidade de estarem reunidos com muita frequência, estes preferem aproveitar o evento para “matar as saudades”, conversando com os entes queridos.

Já os jovens buscam conhecer novas pessoas e flertar. Para isso, cada um faz o que pode para chamar a atenção, desde abordar a “paquera” para dançar, até escolher passos inusitados de dança para se destacar.

Vale frisar que, em todos os bailes analisados, ficaram evidentes influências do mercado e do consumo, como decoração que segue a moda. No caso do bolo, ele atualmente é cenográfico, com o bolo real sendo trazido pelos garçons já cortado e diretamente da cozinha.

4.2. Análise da categoria significados da festa

Para o alcance desse objetivo de pesquisa essa categoria foi subdividida em duas subcategorias: 1) rito de passagem para a debutante, para os pais e para os convidados; e 2)

status por meio do consumo, significando os gastos na festa.

4.2.1. Rito de passagem para a debutante, para os pais e para os convidados

Os pais tiveram posicionamentos diferentes quanto ao baile de debutantes como rito de passagem da jovem.

Alguns disseram que a festa de 15 anos não tem mais a mesma conotação de antes, qual seja, do crescimento da menina, sendo somente mais uma festa de aniversário espetacularizada. Porém, quando questionados sobre o motivo da presença de certos elementos, como a valsa, todos disseram que faziam parte do protocolo da festa. Ou seja, eles reconheciam o baile como um ritual mas, paradoxalmente, não o viam como um rito de passagem.

Outros pais mencionaram que notaram diferenças nas filhas após o baile, que elas estariam mais maduras. Dessa maneira, disseram que a festa de 15 anos representava o crescimento da jovem e, então, poderia ser concebida como um rito de passagem. Esse resultado confirma a classificação do baile de debutante como ritual de passagem apresentada por McCracken (2003).

Todas as debutantes disseram que mudaram após sua festa. Elas mencionaram que passaram a ser menos tímidas, que aumentaram seu círculo de amigos e que se sentiam diferentes, mais velhas.

Os convidados também enxergaram o baile de debutantes como um rito de passagem, já que esperavam pelos artefatos simbólicos previstos para tal. Além disso, os familiares compareceram ao baile tendo a justificativa de que haviam visto a jovem crescer - ou seja, reconheciam a festa de 15 anos como uma nova etapa da vida da debutante.

Os pais das debutantes mencionaram que gastaram o equivalente a um carro popular com as festas de suas filhas e afirmaram que, se pudessem ter gastado mais, eles gastariam. Segundo eles, quanto mais elaborada a festa, com um número infindável de lembrancinhas, bela decoração, *buffet* diferenciado e cerimonial muito produzido, maior seria o número de comentários a respeito, o que evidenciaria o alto poder aquisitivo da família. Esses relatos confirmam que as festas de 15 anos hoje contam com megaprodução e com comércio de produtos e de serviços (LEONI, 2014). Além disso, os discursos evidenciam o *status* promovido pelo baile de debutante (ESCALAS, 1993), e confirmam este quesito, o *status*, como motivador de consumo (BARBOSA, 2004).

Duas questões sociais foram frequentemente abordadas pelos entrevistados: a interação entre os gêneros e o consumo de bebidas alcoólicas por menores de idade. O baile de debutantes, afinal, representa também o amadurecimento dos rapazes. Nessas festas eles têm a oportunidade de consumir bebidas alcoólicas longe da vista dos pais. Tanto é que as debutantes mencionaram que, se não houvesse a liberação de bebida alcoólica para menores de idade, os jovens não iriam à festa. Assim, os pais, a contragosto, permitiram que fossem servidas as bebidas.

Como a festa de 15 anos representa o crescimento dos jovens, há também uma maior interação entre os gêneros. Isso é uma preocupação para os pais e para as cerimonialistas, que se diziam espantados pela formação de tantos casais entre pessoas tão jovens. A interação entre os gêneros, promovida pelo ritual festa de debutantes, é fato desde que surgiu (ESCALAS, 1993), e continua sendo até o momento, como foi identificado nessa pesquisa.

4.2.2. Status por meio do consumo

De acordo com os elementos componentes e significados identificados do baile de debutantes, é possível afirmar que esse ritual de passagem envolve o consumo de significativa gama de produtos e serviços: bolo, vestimenta (compreendendo vestidos), espaço da festa (compreendendo salão, *buffet*, decoração), *disc jockey* e ou banda, lembrancinhas, dança (compreendendo coreografia), convite, caderno e ou quadro de recados, e presentes (compreendendo joia).

Isso repercute em grande movimentação financeira no mercado, gerando empregos e despendendo recursos físicos, emocionais e financeiros das famílias que optam por celebrar este baile.

Identificou-se que, apesar de o ritual continuar representando a passagem da debutante de adolescente para iniciar a vida jovem adulta na atualidade, o significado de ser “jovem adulta” para a sociedade e as demandas que se esperam desta jovem são diferentes daquelas de séculos anteriores.

No século XVI, quando o ritual do baile teve início (ESCALAS, 1993), sua função principal era apresentar a debutante à sociedade para encontrar um pretendente a marido. No século XXI, as famílias parecem priorizar, por meio deste ritual, a ostentação de *status* financeiro para delimitar fronteiras sociais, e para estabelecer e reforçar contatos sociais conforme prevê a teoria sobre uma das principais funções das práticas de consumo da sociedade contemporânea (BARBOSA, 2004).

5. Considerações Finais

As evidências obtidas indicam que os bailes de debutante são ainda vistos como rito de passagem. No entanto, houve uma ressignificação devido às mudanças que ocorreram na sociedade.

Antes, o baile tinha, como significado, apresentar a jovem à sociedade, tendo como fim um bom casamento. Hoje, as mulheres se casam mais tarde ou então não se casam. Dessa forma, o baile atual permite que a jovem amplie seu círculo social e, conseqüentemente, sua rede de contatos, o que a favorece futuramente quando inserida no mercado de trabalho, e também para relacionamentos afetivos. A mudança primordial na vida das jovens após o baile é o aumento do seu *network*.

Outra questão a ser abordada a respeito do consumo ritualístico dos bailes é que é pungente a busca pelo *status* com a realização do evento. São gastas vultuosas quantias com o intuito de mostrar, à comunidade, a condição financeira da família que realiza a festa.

Nesse íterim, a indústria de eventos se beneficiou, e tenta cada vez mais proporcionar uma gama variada de opções de artefatos simbólicos. Esse achado reforça a preocupação da sociedade com o consumo de itens e de serviços que levem à autogratificação ou ao reconhecimento social, justificativas de consumo essas já apontadas por Barbosa (2004).

A partir da identificação dos componentes dos bailes de debutantes, sobretudo no caso dos artefatos simbólicos e da compreensão da construção e da transferência de significados destes, evidenciou-se que todo o baile de debutantes está impregnado pelas nuances do mercado e do consumo. O rito de passagem estudado envolve a utilização de produtos no formato de artefatos materiais, a fim de “valorizarem as experiências de consumo, realçando a interação entre consumidores e significados simbólicos de produtos e de serviços em suas práticas sociais” (CUPOLLILLO; CASOTTI; CAMPOS, 2013, p. 43).

Portanto, em um momento no qual “as empresas buscam associar significados simbólicos a seus produtos e serviços, e oferecer experiências de consumo que agreguem valor a sua marca e ao que comercializam” (PÉPECE, 2009, p. 06), diferenciando-as das demais concorrentes, compreender o que compõe e como se dão os rituais de consumo pode ser de grande utilidade para se ter sucesso na comercialização de produtos e serviços que possam ser consumidos em contextos ritualísticos no mercado.

Como limitações deste estudo encontram-se as poucas entrevistas realizadas com os pais das debutantes em decorrência da resistência desses, e a não preocupação com a classe socioeconômica dos entrevistados. Isso restringe uma análise mais aprofundada a respeito do significado desse ritual para diferentes classes socioeconômicas.

Para futuras pesquisas sugere-se considerar debutantes de diferentes classes socioeconômicas, no intuito de verificar se o significado e os elementos que compõem o ritual do baile sofrem variações. Considerando as diferenças culturais presentes nas diversas regiões brasileiras, também sugere-se replicar este estudo em outras regiões além do sul e sudeste do país.

Referências

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE EVENTOS (ABEOC). **Festas continuam dando alegrias e bons lucros**. Florianópolis, SC. 2012. Disponível em: <http://www.abeoc.org.br/2012/01/festas-continuum-dando-alegrias-e-bons-lucros/>. Acesso em: 14.05.2013.
- ALBERTI, V. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2007. 236p.
- ATKINSON, R. **The Life Story Interview**. Sage University Papers Series on Qualitative Research Methods, v. 44. Thousands Oaks, CA: Sage, 1998. 104p.
- BARBOSA, L. **Sociedade de consumo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. 72p.
- BARBOZA, R. A.; SILVA, R. R. da; AYROSA, E. A. T. Ritos e Rituais de Consumo: um estudo netnográfico sobre o colecionismo do *Toy Art* no Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS

- PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 35, 2011, Rio de Janeiro. **Anais**. Rio de Janeiro: ANPAD, 2011.
- BARDIN L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977. 280p.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Tradução Pedrinho A. Guareschi. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. 516p.
- BAUMAN, Z. **Amor líquido**. Tradução Carlos A. Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. 192p.
- CRAIDE, A. A adoção da história de vida em pesquisas sobre a interculturalidade: uma nova possibilidade de aplicação no campo da Administração. In: ENCONTRO DE ENSINO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE, 3, 2011, João Pessoa. **Anais**. João Pessoa: EnPQ, 2011.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. 296p.
- CUPOLLILO, M. B. N.; CASOTTI, L. M.; CAMPOS, R. D. Estudos de consumo: um convite para a riqueza e para a simplicidade da pesquisa de rituais brasileiros. **Revista ADM.MADE**, ano 13, v. 17, n. 3, p. 27-46, 2013. Disponível em: <http://revistaadmmade.estacio.br/index.php/admmade/issue/view/65>. Acesso em 30.09.2014.
- DOUGLAS, M.; ISHERWOOD, B. **The world of goods: towards an anthropology of consumption**. London and New York: Routledge, 2002. 169p.
- DURKHEIM, É. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Paulus, 1989. 536p.
- ESCALAS, J. The Consumption of Insignificant Rituals: A Look at Debutante Balls. In: **Advances in Consumer Research**, v. 20, eds. L. McAlister and M. L. Rothschild: Association for Consumer Research, p. 709-716, 1993.
- FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução Sandra Netz. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2008. 408p.
- GENNEP, A. V. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes, 2011. 168p.
- HOLT, D. B. Examining the Descriptive Value of "Ritual" in Consumer Behavior: A View From the Field. In: **Advances in Consumer Research**, v. 19, eds. J. F. Sherry, Jr. and B. Sternthal, Association for Consumer Research, p. 213-218, 1992.
- LEONI, M. **Quinze vezes princesa**. **Revista VEJA**. 14 mai. 2014. Edição 2373. Ano 47, n. 20. Editora Abril, 2014.
- MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. Bookman, 2012.
- MCCRACKEN, G. **Cultura e Consumo**. 1. ed. São Paulo: Mauad, 2003. 208p.
- MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010. 408p.
- MOWEN, J. C.; MINOR, M. S. **Comportamento do consumidor**. Tradução Verda Jordan. 1. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2003. 404p.
- NIQUE, W.; LADEIRA, W. **Pesquisa de marketing: uma orientação para o mercado brasileiro**. São Paulo: Atlas, 2014.
- OTNES, C.; PLECK, E. H. **Cinderella Dreams: The Allure of the Lavish Wedding**. Oakland: University of California Press, 2003. 380p.
- PAIVA, JR., F. G. de; LEÃO, A. L. M. de S.; MELLO, S. C. B. de. Validade e confiabilidade na pesquisa qualitativa em administração. **Revista de Ciências da Administração**, v. 13, n. 31, p.190-209, set./dez. 2011.
- PEIRANO, M. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995. 133p.

PÉPECE, O. M. C. **Marcas como objeto de coleção:** uma análise baseada nas motivações para colecionar e na teoria de cadeias meio-fim. 2009. Tese (Doutorado)-Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009, p. 302.

RIVIÈRE, C. **Os ritos profanos.** Trad. Guilherme de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1996. 326p.

ROOK, D. W. Dimensão ritual do comportamento de consumo. **RAE**, v. 47, n. 1, p.81-98, 2007.

SLATER, D. **Cultura do consumo & modernidade.** Trad. de Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Nobel, 2002. 216p.

STÉBAN, S. D.; PEPECE, O.M.C. O consumo ritualístico dos bailes de debutantes e seus artefatos simbólicos. In: III Seminário Internacional de Estudos e Pesquisas em Consumo, v. 2, 2013, São Paulo. **Anais.** São Paulo: SIEP - Consumo, 2013.

TURNER, V. W. **O processo ritual:** estrutura e antiestrutura. Tradução de Nancy Campi de Castro. Petrópolis: Vozes, 1974. 200p.

ULLMANN, R. A. **Antropologia:** o homem e a cultura. São Paulo: Vozes, 1991. 328p.